

# AS INTERPRETAÇÕES SOBRE CLAUSEWITZ NA ALEMANHA E NA UNIÃO SOVIÉTICA NO CONTEXTO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UM EXAME DA LITERATURA

## *THE INTERPRETATIONS ON CLAUSEWITZ IN GERMANY AND IN THE SOVIET UNION IN THE CONTEXT OF THE SECOND WORLD WAR: AN EXAMINATION OF THE LITERATURE*

Henrique Roder Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é propor um estudo de caráter descritivo e histórico sobre a reverberação no contexto da Segunda Guerra Mundial na Alemanha e na União Soviética no tocante ao pensamento de Carl von Clausewitz (1780-1831), influente general e pensador clássico sobre o fenômeno da guerra. Toma-se como ponto de partida as interpretações do legado teórico clausewitziano da Primeira Guerra Mundial que reúne as considerações realizadas pelo historiador e militar britânico Basil Liddell Hart nos pontos recorrentes ao choque frontal, a extrema violência e a demasiada filosofia presente no pensamento clausewitziano que, em alguns pontos se assemelham às apropriações militares nazistas e soviéticas na Segunda Guerra Mundial. Essas interpretações ignoram a análise historicista do fenômeno militar, bem como seu nexos indissolúvel com a política e a primazia da defesa frente ao ataque. De acordo com essa linha, o trabalho analisa bibliografia de escolas militares alemãs nazistas e soviéticas, documentos científicos e históricos da Segunda Guerra Mundial assim como o primeiro capítulo do livro um de “Da Guerra”, visto ser o único revisado pelo autor, antes de sua morte. Em resumo, as hipóteses a serem testadas apontam para a deturpação de vários aspectos do pensamento clausewitziano, quando aplicados a diferentes tipos de situações e contextos daquele conflito delimitado

**Palavras chave:** Clausewitz, Segunda Guerra Mundial, interpretações clausewitzianas.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to propose a descriptive and historical study about the reverberation in the context of World War II in Germany and the Soviet Union concerning Carl von Clausewitz's thought (1780-1831), influential general and classical thinker on war. Taking as its starting point the interpretations of the Clausewitzian theoretical legacy of World War I, which brings together the considerations made by the British historian and military Basil Liddell Hart in the recurrent points of frontal shock, extreme violence and the too much philosophy present in Clausewitzian thought that are similar to Nazi and Soviet military appropriations in World War II. These interpretations ignore the historicist analysis of the military phenomenon, as well as its indissoluble nexus with the politics and primacy of defense against attack. According to this line, the research analyzes Nazi and Soviet German military school literature, World War II historical and scientific documents as well as the first chapter of book One of “War” as it is the only one reviewed by the author before his death. In summary, the hypotheses to be tested point to the misrepresentation of several aspects of Clausewitzian thought when applied to different types of situations and contexts of that delimited conflict.

**Key Words:** Clausewitz, Second World War, Clausewitzian interpretations

<sup>1</sup> Graduado em Relações Internacionais pela UNESP, orientador: Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em explicar e demonstrar como os conceitos clausewitzianos contidos em *Da Guerra* foram difamados na Primeira Guerra Mundial a partir das doutrinas militares empregadas naquele conflito e estudiosos, e também pela fácil associação a alguns dos países beligerantes da época, tiveram indícios de ressonância nas interpretações da Segunda Guerra Mundial, com um foco mais preciso nas apropriações da Alemanha Nazista e da União Soviética no período que vai até o governo de Stalin.

Dentre as diversas contribuições de Clausewitz na temática referente à guerra, destacam-se entre as outras a introdução da concepção do vínculo inquebrável entre política e guerra, onde os objetivos políticos e os objetivos militares são indissolúveis<sup>2</sup>; a distinção entre a guerra real, aquela onde existem os atritos e obstáculos de todo embate comum, e a guerra absoluta, que existe no mundo das ideias no qual se procura a destruição do inimigo de forma inapelável e a política atinge o seu mais alto patamar<sup>3</sup>; a superioridade da defesa frente ao ataque, no qual o teórico afirma ser uma forma de combate mais vigorosa do que o próprio ataque cego. Todos os esforços teóricos do general prussiano indicam uma visão inovadora da guerra, diferente do que havia sendo trabalhado de forma mecânica até então. A proposição do autor visa uma cientifização da guerra e não apenas apresentá-la como um manual da destruição, procura por estudar a guerra como um fenômeno mutável e não como algo simplificado, sempre buscando lastro histórico.

Porém apesar do afinco do autor em demonstrar as suas diretrizes em relação a guerra, outros o interpretam como o pai da mortandade e do derramamento de sangue associando as suas diretrizes a táticas truculentas onde se visa apenas a aniquilação de forma bárbara do inimigo, vulgarmente correlacionado ao prejulgamento de um alemão, no qual esteve presente nas duas grandes guerras no lado “inimigo”, sendo comumente alusivo ao lado inimigo e bestial.

Esse trabalho possui por objetivo principal solucionar as questões cerne:

- A) Provar como a linha argumentativa da deturpação do pensamento de Clausewitz possui uma lógica e indícios de resquícios intelectuais da Primeira Guerra Mundial, pelo seu orador principal Liddell Hart, que segue até as operações da Segunda Guerra Mundial, com um enfoque na Alemanha Nazista e na União Soviética.
- B) Demonstrar que as deturpações não condizem com a obra de Clausewitz ao associá-lo ao pai da mortandade, apresentando trechos como contra-argumento de tais alegações.

Procuro, a partir da leitura do *Da Guerra*, tomando um foco maior no primeiro capítulo do livro um, visto ser o único revisado pelo próprio autor antes de sua morte, e outros artigos científicos e trabalhos de estudiosos acerca dos debates que tratem das escolas militares da Segunda Guerra Mundial, com uma base mais específica sobre o próprio livro supracitado.

Dessa forma na primeira seção, procuro realizar uma apresentação de conceitos básicos sobre Clausewitz, passando desde a sua trajetória militar e avançando em ideias de sua obra *Da Guerra*. Procurando correlacionar como o seu histórico militar o levou a aceções tão inovadoras em sua obra. Buscamos também nesse capítulo apontar como o capitão Liddell Hart faz apropriação da teoria clausewitziana a partir de seus textos e críticas ferrenhas, e como a sua interpretação se deu, os possíveis motivos ao qual o britânico difamou os ideais tidos como revolucionários por Clausewitz, procurando apresentar os trechos do *Da Guerra* que serviam como contra-argumento as críticas do capitão, que acabam por não condizer *ipsis litteris* ao conteúdo da obra prussiana.

2 Também conhecida como fórmula clássica clausewitziana no dizer de Raymond Aron (1986a e 1986b)

3 Como uma política absoluta, que pode ser a guerra ou a revolução. Ver a respeito Passos, 2014.

Já no segundo segmento, apresento a apropriação que Hitler fizera de Clausewitz e seus ensinamentos, a partir de uma reinterpretação de sua fórmula clássica no qual a guerra é a continuação da política por outros meios, traçando uma guerra com fins apenas militares, realizando uma guerra racista e imediatista que acaba por ir contra todo o conteúdo de objetivos políticos encontrada em *Da Guerra*. Provando que o próprio líder do III Reich obteve um contato com a obra do general prussiano e formulou as suas próprias interpretações sobre o tema da guerra. Procuo demonstrar como as considerações de Liddell Hart aparentemente tiveram ressonância nas operações e interpretações da Alemanha nazista, na qual é possível apontar uma linha argumentativa com fatos congruentes entre os dois apropriadores da teoria clausewitziana, apresentando passagens que comprovam tal suposição. Por fim, demonstro possíveis motivos para que tal interpretação nazista tenha sido feita, baseando-se em outros pesquisadores do mesmo tema tratado, como Aron e Baldwin.

Na breve terceira seção, procuro explorar as diferentes interpretações dentro da União Soviética, por parte dos antigos líderes soviéticos, Lenin e Stalin, os quais respectivamente obtiveram uma boa e uma não significativa aceção da teoria clausewitziana. Lenin consegue trazer dentro do universo da luta de classes, tanto quanto a política doméstica quanto a ideia de historicidade da guerra, de uma forma que não agride a teorização de Clausewitz; enquanto que Stalin apenas realiza o papel demonizador do antigo general prussiano, encontrando erros teóricos e militares em *Da Guerra* assim como a associação a brutalidade alemã da época. Demonstro novamente como as considerações de Liddell Hart se aproximam da adaptação da União Soviética, na qual é possível apontar uma linha argumentativa que se aproxima daquela de Liddell Hart, Stalin e Hitler, provados com trechos e segmentos de estudiosos sobre o tema. Por fim, indico alguns motivos para qual a apropriação soviética em geral tenha sido adaptada de tal forma dissonante ao que está presente de forma clara na obra de Clausewitz.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. A leitura distorcida de Clausewitz na Primeira Guerra Mundial

Esta seção terá por objetivo principal apresentar a teoria Clausewitziana e o passado do próprio autor, que fora deturpado ao longo dos anos, tomando como foco principal as ações da Primeira Guerra Mundial e o seu principal locutor/crítico, desse período, o general britânico e historiador Basil Liddell Hart, influente em tais interpretações a partir de seus trabalhos, com especial atenção em “*Strategy*”, no qual o autor tece análises opostas e avaliações discrepantes do general prussiano em sua obra *Da Guerra* e a seus futuros seguidores.

Carl Philipp Gottfried von Clausewitz (1780-1831) general prussiano e intelectual nasceu em Burg, próximo de Magdeburg. Buscava ascender à nobreza; porém, a família Clausewitz era na realidade de origem de medianas posses; apesar de alguns trâmites e jogos de influência, adentrou no limitado patamar da nobreza. Ingressou ao exército prussiano como cadete aos doze anos de idade o que possibilitou-o a uma vida de contato com os assuntos militares<sup>4</sup>. Quando fora incumbido como tutor do príncipe herdeiro da Prússia, fora capturado em uma das derrotas do seu país para a França napoleônica, o que viabilizou o desenvolvimento de algumas das reflexões abrangentes sobre a guerra (BASSFORD, 1994: p. 9) ao tomar contato com certos autores<sup>5</sup>, escreveu bem posteriormente<sup>6</sup> um dos livros mais influentes do

4 É importante lembrar que Clausewitz não teve atuação muito grande em combate, tomado como maior parte do tempo a estudos e ensinamentos na academia de guerra prussiana (BASSFORD, 1994, p.9)

5 De acordo com Paret, teria tomado contato com Pestalozzi e Montesquieu nesta experiência de prisão na França e na Suíça (PARET, 1985).

6 Provavelmente entre 1815 e 1831.

ocidente, chamado *Da Guerra*<sup>7</sup>, no qual ainda é considerado atemporal<sup>8</sup> devido a inovação de uma nova ótica teórica. Esse livro é considerado um divisor de águas na reflexão sobre o fenômeno da guerra por introduzir a concepção do vínculo inquebrável entre política e guerra, superioridade da defesa frente ao ataque e sua dicotomia em forma de ação, a teorização da guerra absoluta e da guerra real, como um duelo em grande escala cujo através de um ato de força obriga-se o inimigo a fazer a nossa vontade, levando a uma ação recíproca<sup>9</sup>

Afirma que existem dois motivos para o início das guerras: *sentimentos e intenções hostis*, nos quais os povos selvagens são tomados pela paixão enquanto que os povos civilizados pela mente (CLAUSEWITZ, s.d., p. 75-127). Sua obra, ao longo dos anos fora deturpada como um manual destinado ao uso irracional da violência e brutalidade, adulterando dessa maneira boa parte de sua conceituação presente em seus livros e capítulos que pretendiam elaborar um grande e profundo estudo sobre a guerra, não tomando especificamente um viés violento.

Clausewitz definiu a guerra como sendo a continuação da política por outros meios, sendo dessa forma, a guerra um meio de alcançar o propósito político, indissolúvel do fenômeno bélico referido. Após fundamentar tal base de forma primeva conceitual sobre o fenômeno da guerra, Clausewitz avança o seu raciocínio e indica que a relação político-militar está presente também em seu conceito abstrato. Apenas aparentemente a guerra se separa da política na extremidade lógica da manifestação violenta (CLAUSEWITZ, s.d., p. 92), e a rigor, tal separação, para o autor, não existe. No conceito tratado como guerra absoluta pelo prussiano, a manifestação extrema e instantânea da violência seria vista como perfeita, ou seja, os propósitos políticos e militares estão coesos e há destruição do inimigo de modo inapelável. Não obstante, Clausewitz trata também da guerra real, que nada mais é do que a guerra que efetivamente acontece no mundo real, aquela com a qual se deve lidar com as fricções, com os imprevistos, os acasos, os infortúnios, no seu desenrolar. O general prussiano nunca apresentou uma fórmula pronta sobre a guerra, afirmou que o resultado e os meios até ele nunca são definidos. O general prussiano também recorre a outros campos para explicar a sua teoria como a economia, o comércio, as relações sociais e humanas.

É importante lembrar que *Da Guerra* se trata de uma obra póstuma que apenas fora revisado o primeiro capítulo do livro um e que refere-se a uma evolução intelectual, na qual ao longo dos capítulos novas experiências militares e armamentistas foram adquiridas pelo general prussiano, indo no simples para o complexo (CLAUSEWITZ, s.d.: p. 75), no qual o possibilitaram de elaborar a sua vivência e sua intelectualidade. Totalizando oito livros que tratam de diversos assuntos como já explicitados acima. Após o breve resumo apresentado das teorias clausewitzianas presente em *Da Guerra* é evidente que o seu legado proporcionou diversos estudos em uma gama imensa de campos, porém tais estudos trouxeram vieses e interpretações diferentes ao longo dos anos; fora invocado por nazistas, comunistas, humanistas liberais, pacifistas nucleares, quase todas as pessoas que se encontraram em um debate estratégico profundo e pego na necessidade de um discurso para fortalecê-lo.

A partir da publicação de *Strategy* e de outros textos relevantes, o Capitão Basil Henry Liddell Hart (1997) procura por demonstrar a teorização referente a prática militar a partir das guerras mundiais, cuja experiência se justifica em sua atuação na guerra das trincheiras. Ele afirma em sua teorização que o derramamento de sangue via choque frontal e a extrema violência com base na procura da “batalha decisiva”, possui como causa a teorização de “demasiada filosofia” e a “doutrina da guerra absoluta” contida na teorização militar vigente no século XIX, cujo principal propagador seria o general prussiano. Além de categorizá-lo como um teórico ultrapassado as novas diretrizes da chamada “guerra moderna”,

7 *Vom Kriege* no original.

8 No sentido de ser uma obra clássica. Não se ignora o caráter historicista do argumento de Clausewitz em *Da Guerra* e no conjunto de sua obra.

9 Também chamado de escalada aos extremos, teoria retirada de *Da Guerra* e interpretada e estudada amplamente por seus seguidores.

na qual o contingente numérico torna-se dispensável devido ao advento tecnológico, ou até mesmo dos novos países democráticos, no qual o governo optou por controlar as decisões militares, diferentemente de uma autocracia<sup>10</sup>; não obstante condenada, o capitão do exército britânico deprecia o general prussiano ao acusá-lo de subjugar a política a mando da estratégia. Demonstra um pré-julgamento discriminatório quanto ao general prussiano, ao associá-lo às diretrizes estratégicas militares alemãs opostas às forças da Entente na Grande Guerra, conflito no qual se encontravam em lados opostos. Dentre as diversas obras que abordam a crítica sobre a teoria clausewitziana encontro como uma das mais relevantes a encontrada em *The Rommel Papers*:

“É difícil precisar se essas operações [combates entre britânicos e turcos] na Palestina devem ser classificadas como uma campanha ou como batalha, completada com uma perseguição, porque embora com as forças em contato ela terminou antes que esse contato fosse rompido, o que a classificaria como batalha, porém a vitória foi obtida, principalmente, por ações estratégicas e a parte da luta armada foi insignificante. Isso motivou uma depreciação do seu resultado final, especialmente por parte daqueles cuja escala de valores é governada pelo dogma de Clausewitz, de que o sangue é o preço da vitória” (LIDDELL HART, 1953: 241).

Liddell Hart concentra a sua crítica em suposto ponto central da guerra clausewitziana cuja em última instância que a resume em um embate cujo foco derradeiro seja o derramamento de sangue e uma confrontação na qual prevaleça uma violência descomunal contra o inimigo.

Clausewitz, em toda a sua obra, nunca limitou o escopo da guerra apenas para medidas brutais e impetuosas; sua teoria permite a premissa de uma guerra no qual a violência não seja uma finalidade, demonstra também que a guerra não necessariamente possui um objetivo de destruição total do inimigo, afirma se tratar de um “ato de força para obrigar o inimigo a fazer a nossa vontade” (CLAUSEWITZ, s.d.: p. 75), podendo ser de qualquer nível de importância e de intensidade, possibilitando desde uma observação armada até uma guerra de extermínio. Ou seja, a guerra sem o derramamento de sangue, sem o combate é uma possibilidade prevista por Clausewitz, reafirmando a formulação da guerra ser “um verdadeiro camaleão”, adapta-se às suas características a uma determinada operação. Nem mesmo a vitória é necessariamente uma obrigação num dado contexto, visto que sua reflexão alcança – isto sim – a consecução dos objetivos políticos. Tais metas vislumbram inúmeras possibilidades e não o automatismo esquemático e mecânico da busca da vitória a qualquer preço.

Não obstante, o general prussiano apresenta, por exemplo, que a defesa é uma forma de combate mais vigorosa do que o ataque, como visto em:

“Estou convencido de que a superioridade da defesa (se corretamente compreendida) é muito grande, muito maior do que parece ser à primeira vista. É isto que explica sem qualquer incoerência a maioria dos períodos de inação que ocorrem na guerra. Quanto mais frágeis forem as razões para a ação, mais serão elas encobertas e neutralizadas por esta disparidade existente entre o ataque e a defesa, e mais frequentemente a ação será suspensa - como mostra de fato a experiência.” (CLAUSEWITZ, s.d., p.87).

Como supracitado pelo general prussiano, o mesmo considera a defesa uma forma mais eficaz do que a defesa, o que permuta uma abordagem que necessariamente não exige violência. Liddell Hart atua sem considerar esses aspectos da reflexão, fora privilegiada uma leitura que deu ênfase à dimensão categórica da guerra de forma imutável e violenta, aparentemente, para o militar e historiador inglês, não foram os méritos de Clausewitz que consagraram o seu legado, e sim suas “imprecisões”, que se justificam por uma escrita com demasiada filosofia, segundo o próprio crítico. Conforme a análise de Eric

10 Liddell Hart se refere a governos autocráticos e monárquicos contemporâneos de Clausewitz. Ponto rigorosamente discutível, vista a historicidade de Clausewitz que tomava como base de referência as guerras napoleônicas e o evidente conjunto político dos regimes vigentes naquela conjuntura histórica em situação de guerra, passível de transformações em face da variabilidade e particularidade históricas.

Alterman (1987: p. 27), Liddell Hart admite posteriormente que Clausewitz realmente não exprime todas as acusações sobre violência que ele mesmo (no caso, o próprio Liddell Hart) lhe dirigiu, mas também que o general prussiano alertou explicitamente sobre os diversos equívocos interpretativos de suas anotações desorganizadas e não decodificadas.<sup>11</sup>

Ainda a despeito das interpretações, Liddell atribui ao general prussiano todos os preconceitos e julgamentos que um alemão poderia ter na época, outorga a Clausewitz o papel de um ser irracional que apenas procura a morte e a violência na forma do embate direto e inescrupuloso.

Apesar de já ter sido comprovado que a tradução de *Da Guerra* por Liddell era de baixa qualidade, o envolvimento emocional que o capitão tinha quanto a Primeira Guerra Mundial e os alemães, o distanciamento intelectual que possuía de Clausewitz. Podemos facilmente supor, se nos concentrarmos apenas nas críticas odiosas e nos julgamentos ferrenhos que Liddell Hart realiza aos longos das suas obras, pode-se supor que o inglês estava se referindo na verdade ao próprio Hitler, e não ao próprio general prussiano (ALTERMAN, 1987, p.24).

Porém, Liddell Hart não foi o único a difamar a obra de Clausewitz, os seus pensamentos vieram a influenciar algumas das ações da II Guerra Mundial, essencialmente dentro dos exércitos alemão e soviético por meio de generais e líderes políticos. Autores apontam a forte influência de uma certa leitura do general prussiano sobre Adolf Hitler, líder do partido nazista alemão, na qual procurarei explicar no próximo capítulo.

## 2.2 - As interpretações da Alemanha Nazista

Há indícios de que os ecos da Grande Guerra e a demonização de Clausewitz que se deu de forma subsequente tenha repercutido em significativas leituras, como aquela efetuada por Hitler. Abordaremos duas possibilidades: uma primeira referente ao contexto interpretativo que remete a uma possível afinidade ou influência interpretativa sobre Hitler, aquela referente à apropriação de Carl Schmitt; a segunda versará sobre a visita de Hitler ao tratado referido de Clausewitz.

Abordando a primeira possibilidade, trata-se de analisar um aspecto sumário da obra *O Conceito do Político*, de Carl Schmitt (2009), publicada pela primeira vez em 1927 (SILVA, 2008).

A definição de política do importante jurista alemão mencionado é uma definição antiliberal. Ela não vislumbra um meio-termo ou qualquer possibilidade em que a tensão especificamente política dos conflitos enseje a coexistência pacífica dos lados em conflito. A rigor, tal coexistência pacífica significa uma despolitização do mundo. A tensão especificamente política remete à exclusão e aniquilação física do inimigo. O foco de Schmitt é a tensão amigo-inimigo que pauta a especificidade da política, remetendo à aniquilação mencionada (2008: p. 28). Ora, nada mais afim à linha de uma apologia da destruição sem meios termos do que tal argumento, que incide sobre a interpretação de Clausewitz nos seguintes termos (SCHMITT, 2008: p. 35-36):

“O próprio combate militar, considerado por si mesmo não é ‘a continuação da política por outros meios’, como a célebre expressão de Clausewitz geralmente incorretamente citada, e sim possui, enquanto guerra, seus próprios pontos de vista e suas próprias regras estratégicas e táticas, entre outras, mas que pressupõem todas que a decisão política acerca de quem é o inimigo, já existe”.

O argumento é claro: cita-se Clausewitz fora de seu contexto ao situar a política fora do escopo da definição prévia de quem é o inimigo.

<sup>11</sup> O primeiro capítulo do livro um de “Da Guerra” foi o único revisado pelo autor, antes de sua morte. Isto poderia justificar as inexatidões da obra.

Um eventual nexos entre a apropriação de Schmitt e a interpretação de Hitler - a ser tratada logo adiante - não pode ser descartado. Afinal, Schmitt foi em um primeiro momento o principal jurista, o *kronjurist* de Hitler quando este alcançou a posição mais importante no governo alemão. Schmitt foi fundamental na interpretação de um artigo da Constituição alemã no sentido de justificar a suspensão de toda a ordem jurídica e constitucional que pautou todo o governo nazista subsequente<sup>12</sup>.

No que tange à segunda possibilidade, o trabalho feito por Timothy W. Rybac na reconstrução do itinerário dos livros lidos do Führer na obra *A biblioteca esquecida de Hitler*, o autor afirma minuciosamente que há fortes indícios de que Hitler teve contato com o livro *Da Guerra*, com notas de rodapé, comentários com análises próprias e contestações em diversas páginas da obra (RYBACK, 2009: p. 212). P.M. Baldwin nos apresenta a ideia de que Hitler, juntamente com o exército alemão, teve um contato próximo com o teórico prussiano, como apresentando na passagem do periódico oficial do exército alemão, em 1944:

“Nunca antes, como nestes anos de guerra, toda a história reconheceu tão claramente o seu dever: a mobilização do passado no interesse da preservação do presente e do futuro ... De acordo com esta convicção fundamental, Clausewitz é tratado aqui de uma maneira que não satisfaça, naturalmente, a sede histórica de conhecimento e a exigência de completude, mas que, no entanto, pode demonstrar a importância e relevância contínuas deste verdadeiro grande alemão” (HAUSCHILD apud BALDWIN, 1981: p. 5, minha tradução).

Além do que, Baldwin incita que os nazistas absorveram uma interpretação única sobre Clausewitz, usando-o como uma fonte de justificação de seus pensamentos em um senso fundamentalmente diferente do seu sentido real. Os nazistas transformaram a fórmula contida em *Da Guerra*, modificando-a para um tratamento da política como sendo a continuação da guerra e apagando a distinção entre guerra e paz, descartando a faceta pacífica da política via diplomacia, travando uma guerra racista e excluindo fisicamente o seu inimigo (PASSOS, s.d.: p. 11). Esse posicionamento forneceu um distanciamento da diplomacia tradicional e da política externa, causando desse modo uma militarização dos mesmos (BALDWIN, 1981: p. 11). Segundo Baldwin, é possível afirmar que Hitler, ao reverter a fórmula clássica clausewitziana, minimizou a política frente a guerra, deixando-a sujeita aos interesses militares. Tal reformulação teve caráter mais selvagem e brutal, considerando a destruição total do inimigo como única medida, uma fórmula mais agressiva e destrutiva (BALDWIN, 1981: p. 12)<sup>13</sup>.

Tal reformulação hitlerista demonstra aproximações a bagagem deixada por Liddell Hart em sua interpretação, julgando *Da Guerra* como um manual da violência e destruição, onde a política deve ser escamoteada pelo avanço militar e o ditar da guerra deve ser feito pelos militares e não pelos líderes políticos (LIDDELL HART, 1997). Desconsiderando os extensos capítulos escritos por Clausewitz sobre a *defesa* e a teorização dos objetivos políticos e militares na qual são inseparáveis, ambos (Hitler e Liddell Hart) possuem semelhanças em seu pensamento sobre a ofensiva total ou batalha decisiva.

Clausewitz afirma que a guerra não consiste em um único golpe brusco ou a uma batalha singular e decisiva, declara que:

“Se a guerra consistisse num único ato decisivo, ou num conjunto de decisões simultâneas, os preparativos para ela tenderiam no sentido da totalidade, porque nenhuma omissão poderia jamais ser corrigida. O único critério para estes preparativos que o mundo da realidade poderia fornecer seriam as medidas tomadas pelo adversário - até onde elas fossem conhecidas - o resto

12 Para maiores detalhes sobre estes fatos históricos e linha de argumento, consultar BERCOVICI, 2004.

13 As edições mais comuns de *Da Guerra* publicadas até o momento de escrita deste trabalho suprimem, por exemplo, o livro 6 referente à defesa e a superioridade desta em relação ao ataque. É bastante provável que a versão popularizada do livro mencionado de Clausewitz desde a Primeira Guerra Mundial tenha as mesmas características, uma vez que desde então o general prussiano fora apontado como o defensor da superioridade do ataque sobre a defesa. Ver a respeito ARON 1986 a e b. Não se descarta a possibilidade de que Hitler tenha tido contato com uma edição do livro de Clausewitz com o perfil mencionado, ainda que não se tenha informação mais específica a respeito.

seria reduzido uma vez mais a cálculos abstratos. Mas se a decisão na guerra consiste em diversos atos sucessivos, então cada um deles, vistos dentro do contexto, proporcionará uma maneira de avaliar os que virão depois. Aqui o mundo abstrato é uma vez mais expulso pelo real e, assim, a tendência para o extremo é atenuada.” (CLAUSEWITZ, s.d.: p .80)

O general prussiano procura demonstrar que a guerra trata-se de uma teoria de escalonamento de poder, o qual nunca poderia ser determinado apenas por uma batalha decisiva, caso o qual ocorresse seria no mundo das ideias ou no abstrato, visto que a própria natureza da guerra impede devido às suas fricções e a concentração simultânea de todas as forças (CLAUSEWITZ, s.d.: p. 81)

Foi Raymond Aron (1986b: p. 80-81) quem apontou também a condução dos rumos da guerra por Hitler contrariamente aos seus objetivos políticos, particularmente na campanha contra a União Soviética na conhecida Operação Barbarossa, executada inicialmente na manhã de 22 de junho de 1941. Com diversos bombardeamentos iniciais em vários frentes no território soviético em diversos pontos (66 aeródromos e bases navais) e 5 cidades estratégicas, com um avanço de 1.500 quilômetros dentro o território inimigo (GILBERT, 1989, p. 253)

Em seu discurso no dia 21 de de junho, Goebbels reproduz via rádio um discurso de Hitler que demonstra entre outras palavras o escamoteamento dos objetivos políticos pelos objetivos militares e a esperança da tal batalha decisiva, na qual não poupava esforços para o sucesso armamentista:

“Sobrecarregado pelo peso dos preparativos, condenado a meses de silêncio, posso finalmente falar com toda franqueza: Povo alemão! Neste momento, está em curso uma marcha que, por suas dimensões, iguala-se às maiores que o mundo alguma vez assistiu. Decidi colocar novamente o destino e o futuro do Reich e do nosso povo nas mãos de nossos soldados. Que Deus nos auxilie, especialmente nesse combate!” (GOEBBELS apud GILBERT, 1989, p. 253, minha tradução).

A Operação Barbarossa fora tão voraz que ao meio-dia de 22 de junho de 1941 a máquina de guerra nazista já havia destruído cerca um quarto de todos os efetivos aéreos russos (GILBERT,1989, p. 254). Porém, não fora frutífera e acabou por soterrar a expedição nazista, especialmente após o dia 29 de junho do mesmo ano, quando Moscou transmitiu um comunicado oficial ordenando ao exército vermelho a não deixar nenhum suprimento ao inimigo e com o avanço do inverno as esperanças nazistas foram aniquiladas junto com o *general inverno*<sup>14</sup>, por fim determinou o arruinamento da campanha alemã na Segunda Guerra Mundial. Os militares soviéticos utilizaram especificamente a duração da guerra para causar um esgotamento contínuo da resistência física e moral do exército alemão (GILBERT,1989, p. 255).

Concomitante a isso o Coronel Austin C. Wedemeyer afirma que na operação supracitada, se Hitler tivesse absorvido de forma correta e coesa a conceituação de “fricção” e “oportunidade” contida em explicação detalhada em *Da Guerra*, talvez o líder nazista não teria invadido a Rússia de forma abrupta, sem poupar esforços, com total concentração de tropas e com um melhor planejamento (1983: p.10). A própria conjuntura histórica garante que tais recursos e esforços não poderiam ter sido postos em prática ao mesmo tempo. Hitler desconsiderou o que Clausewitz refere como *forças combatentes propriamente ditas*, ou seja, as peculiaridades próprias do país/território em questão (União Soviética), com suas características físicas e a sua população, como também os seus aliados além de propriamente dito as fricções da guerra (CLAUSEWITZ, s.d., p .80).

Retomando a linha analítica de Aron, a orientação nazista de travar uma guerra “racista” subestimou as fontes do poder soviético, as qualidades do exército vermelho e o impacto causado no

14 Nome jocoso comumente utilizado perante referente ao inverno russo que já contribuiu para a vitória em outras batalhas históricas devido às cruéis temperaturas negativas e as dificuldades de locomoção que a neve traz consigo, impossibilitando qualquer êxito em combate do inimigo.



inimigo com a orientação de execução generalizada de civis, soldados e comissários políticos das forças armadas soviéticas. Visto que o propósito político tende a definir a intensidade das forças militares e o sacrifício para atingi-los, o propósito político é a finalidade, o combate é o meio de atingi-lo, o meio não pode ser analisado de forma afastado do seu propósito. Tudo isto contribuiu para a posterior vitória soviética que arrasou a tática hitleriana de massa combinada à surpresa e à velocidade (WEDEMEYER, 1983, p. 6).

De forma geral até 1941 na Segunda Guerra Mundial, Hitler conduziu a guerra como um político, fora vitorioso em quase todas as disputas que entrou, a Wehrmacht derrotou o exército polonês e francês, conquistara a Polônia e bases da Grã-Bretanha e já ordenava a diminuição da produção do armamento da infantaria, pois notara que teria sucesso absoluto em solo. Porém, algum tempo após iniciar a ofensiva contra a União Soviética, entregava-se a morte em seu *bunker* (ARON, 1986, p.75). Não se pode negligenciar, contudo, uma eventual lacuna nesta análise de Aron no tocante à enorme adesão e aporte de ucranianos ao exército alemão, bem como o eventual cálculo de uma vitória germânica em face do sucesso finlandês contra a União Soviética, em embate de forças rigorosamente assimétricas.

Registrem-se também menções não muito aprofundadas sobre o mesmo tema, dando notícia de que Clausewitz e seu mote sobre a violência como um instrumento da política era conhecido da oficialidade germânica, mas era escamoteado pelos motes de vitória sobre os inimigos, além de sua destruição (JOHNSON, 2012, p. 14). Todavia, também em termos bastante superficiais, registre-se que um importante membro da oficialidade germânica, o general Beck, era reconhecidamente marcado como alguém impactado e conhecedor da formulação clausewitziana de que o dever de um soldado é evitar o uso técnico errôneo do instrumento militar (BECK apud PAXTON, 1981, p. 364).

Em termos mais rigorosos e fiéis à formulação clausewitziana, em resumo, a maioria de tais perspectivas alemãs escamoteou a abordagem estratégica, ou seja, a discussão referente aos objetivos políticos a serem alcançados em vista da mobilização de determinados recursos para tal. Na ótica de Clausewitz, a guerra e a destruição não são fins em si próprios e sim meios para a consecução de certos objetivos políticos.

De acordo com Sumida (2011) e Honig (2007) há alguns indícios de que o texto original clausewitziano suscitava algumas imprecisões interpretativas em *Da Guerra*. Somado a isto, o fato de não haver uma tradução que eliminasse dúvidas e vaguezas - como Honig e Sumida sustentaram ser o mérito da tradução para o inglês de Paret e Howard, inclusive para os próprios falantes nativos da língua alemã - e toda a vulgarização e ausência de estudo mais aprofundado de Clausewitz também poderiam ter, em parte, contribuído para uma percepção equivocada de alguns aspectos de seu pensamento pelos soviéticos e demais intérpretes contemporâneos da Segunda Guerra Mundial.

Hitler e o seu generalato ignoram uma das lições mais importantes que o próprio Clausewitz havia retirado de sua própria vivência militar e teórica, na qual somente as discórdias dentro dos Estados ou das nações tornam viável as conquistas no território Europeu (ARON, 1986, p. 79). Hitler apostou em uma batalha decisiva com a vitória em apenas uma carta, a investida contra a União Soviética, transformou a sua política uma forma de guerra e foi incapaz de discernir a distinção entre guerra e paz, objetivos políticos e militares e a formulação segundo a qual a guerra e política são indivisíveis. Para todo o quorum nazista, a invocação do nome de Clausewitz e suas teorias forneceram um véu de honorabilidade aos seus pensamentos e justificativas; o uso do general prussiano sugeriu uma linha ininterrupta de continuidade histórica de Brandemburgo para Berchtesgaden. Porém como modo de reafirmação da reputação e caminhos da Alemanha nazista, o grande generalato e seu líder, tiveram que deturpar toda a teoria de Clausewitz e trouxeram a barbárie a níveis inacreditáveis aos seus ideais, modificando o *Da Guerra* como justificativa na busca de seus propósitos. (BALDWIN, 1981: p.7)

### 2.3 - As interpretações da União Soviética

É difícil apontar onde exatamente o general prussiano teve influência na iconografia histórica soviética, dado a falta de pesquisas e materiais sobre o assunto; porém um ponto recorrente no sentido desta incompreensão é a consideração de Josef Stalin e Vladimir Lenin sobre Clausewitz e o seu generalato como um todo.

Stalin entendia que o general prussiano seja um teórico da guerra adequado ao período pré-industrial, sendo antiquada a sua aplicação ao momento capitalista industrial contemporâneo, devendo-se apenas se concentrar “nos especialistas nos assuntos militares e nos clássicos marxistas” (STALIN, 1979: p. 105). Stalin, assim como Liddell Hart, ignora a formulação metafórica clausewitziana de que a guerra seria comparável a um camaleão e, portanto, sujeita a uma enorme variabilidade de caráter histórico:

“A guerra é mais do que um verdadeiro camaleão, que adapta um pouco as suas características a uma determinada situação” (CLAUSEWITZ, s.d.: p. 92)

Assim como Stalin, Liddell Hart critica Clausewitz de modo abrupto ao afirmar que a teorização de *Da Guerra* seja inadequada a uma “guerra moderna”, ambos são incapazes de notar a adaptação histórica do fator guerra e política.

Stalin crítica *Da Guerra*, afirmando que há em sua escrita demasiada filosofia e princípios abstratos, exibindo uma carência no aspecto científico militar. Tal afirmação demonstra uma congruência quando a opinião de Liddell Hart no qual também afirmou que a obra de Clausewitz evoluía para uma demasiada filosofia, possibilitando equívocos interpretativos, porém até mesmo o capitão britânico refuta que apesar de suas colocações o mesmo poderia estar enganado, pois apenas seguiu a linha interpretativa que lhe convinha em sua situação, por não considerar que se tratava de uma obra póstuma que não coube realizar a revisão adequada por Clausewitz. (ARON, 1986b: p. 75)

O líder da União Soviética aponta também que a obra carece de aspectos referentes à “contraofensiva” (1979: p. 106). Porém Clausewitz dedica o livro 6 do *Da Guerra* especialmente para tratar sobre a teorização da defesa, cujo conteúdo trata especificamente sobre toda a relação entre a dualidade do ataque e defesa, dando clareza a questão da superioridade da defesa frente ao ataque, em formas de fortificações ou até mesmo de “contraofensivas” (CLAUSEWITZ, s.d.: p. 435)

Não obstante, Stalin aponta que a concepção de “guerra absoluta”, amplamente trabalhada em *Da Guerra*, é inconcebível com a visão das escolas militares soviéticas; os atos políticos nunca poderiam ser minimizados apenas a uma visão de interesse estatal, carecendo desta maneira do interesse da ideologia da luta de classes (LIDER, 1977: p. 194).

Stalin ignora novamente a colocação de Clausewitz que a guerra é adaptativa e maleável a diferentes tipos de cenários e situações, podendo sim ser interpretado como algo favorável ao seu ambiente socialista e integrado a novas abordagens que ainda não existiam no tempo de produção de *Da Guerra*.

Ademais, é provável que Stalin tenha visto em Clausewitz todos os preconceitos tipicamente contrários a um alemão no contexto das hostilidades da Segunda Grande Guerra. Stalin interpretou Clausewitz na visão que se tinha de um nazista em tal período, no qual, a visão geral da máquina de guerra alemã, apenas procurava a carnificina e a destruição total de seus inimigos, sem se preocupar com as consequências políticas de seus atos, sacrificando tudo em apenas uma frente em função da vitória inapelável. É possível determinar que assim como Liddell Hart, Stalin foi incapaz de romper a barreira de ante paixões quanto aos alemães e usou de seu ódio para construir uma interpretação de Clausewitz, no qual tomava ser o porta-voz da cultura alemã em períodos de guerra.

Lenin talvez tenha sido um dos maiores intérpretes e especialistas sobre Clausewitz da União Soviética. As primeiras referências mais explícitas de leitura do general prussiano correspondem a 1915, porém existem indícios de contatos anteriores (LEFEBVRE, 1975: p. 273). Sua compreensão da obra

vai muito além do fardo repassado da difamação de Liddell Hart na Primeira Guerra Mundial. O revolucionário comunista aceita a dicotomia entre guerra real e a guerra absoluta<sup>15</sup>, a absorve em seu ambiente de luta de classes, no qual afirma que a guerra seja um instrumento da política:

“[...]Todas essas questões estão intimamente relacionadas com a idéia de Clausewitz de que a guerra é simplesmente um instrumento de política. [...] Os Marxistas sempre consideraram que este axioma (fórmula clausewitziana) como o fundamento teórico para o significado de guerra.” (ALTERMAN,1987: p. 26)

Como referido, o enfoque de Lenin em *Da Guerra* era também o do embate no papel das políticas domésticas. Afirma que a revolução nada mais é do que uma guerra, porém com picos de violência, sucedendo também a momentos de paz, onde a política toma o seu viés mais alto:

“A própria revolução não deve ser imaginada como ato único [...], mas como uma rápida sucessão de explosões mais ou menos violentas, alternando com frases de calma mais ou menos profunda” (LENIN, 1982C: p. 204).

Lenin reconhece a guerra como justa e legítima pela razão dela servir ao interesse da maioria contra as injustiças e opressões dos líderes e patriarcas e não da forma oposta como ocorre na maioria das guerras reais (LENIN,1980: p. 13-14). A partir das anotações e comentários realizados sobre a obra de Clausewitz, nota-se que o revolucionário comunista possuía ampla compreensão sobre o aspecto político em todos os seus campos atuantes, assim como a percepção da fórmula clássica clausewitziana de que a guerra é a continuação da política por outros meios e possuem um caráter indissolúvel.

Lenin, diferentemente de Stalin, absorve uma concepção própria de *Da Guerra* e o adapta a sua realidade e teoria das lutas de classes e políticas domésticas, consegue perceber que a guerra assim como o marxismo e suas categorias possuem vários significados e definições históricas, variáveis em termos históricos e dialéticos no sentido triádico hegeliano – com momentos para afirmação, negação e síntese ou negação da negação<sup>16</sup>. Sob tal ensejo, a ausência de continuidade e descontinuidade absoluta no nexo dialético entre guerra e paz é muito bem captada por Lenin e aplicada à política de forma bem dinâmica e criativa (PASSOS, 2012). Stalin, por sua vez, é incapaz de interpretar Clausewitz e acaba por vulgarizar o general prussiano e todo o seu ideal inovador, é inábil de absorvê-lo ao seu ambiente e a sua realidade pelo fato de sua evidente hostilidade quanto aos alemães, visto o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial e a clara indisposição a mudanças de pensamento.

Apesar da boa aceção de Lenin, Stalin demonstra que o tratamento de Clausewitz de política e guerra como luta sem-classes, de foco estatal é incapaz de sustentar a lógica militar soviética e o conceito pós-industrial. Julgam que a fórmula clausewitziana, devido a todo o seu contexto de sua filosofia e passado ideológico, pode ser julgado como idealista e anticientífico (LIDER, 1977: p. 194). Tal fato demonstra uma linha tênue interpretativa provinda da Primeira Guerra Mundial com ressonâncias claras de suas aceções, para a Segunda Guerra Mundial, pontos recorrentes entre ambos os deturpadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo consistiu numa tentativa de oferecer ao leitor explicações para três objetivos principais: acompanhar e provar como a linha argumentativa da deturpação do pensamento de Clausewitz possui uma

15 A Guerra Absoluta trata-se de uma concepção ideal, uma fantasia lógica de combate. Não existe limitação para o uso de violência e nem leis que possam regê-la, prevê o aniquilamento do inimigo utilizando a força máxima de modo instantâneo e inapelável (PASSOS. 2014: p. 23)

16 O nexo entre a dialética de Hegel e a formulação de guerra de Clausewitz, apontada por Lenin em alguns textos sem uma efetiva demonstração, é comprovado pela análise de Cormier (2014 e 2016).

lógica e resquícios intelectuais que seguem desde a Primeira Guerra Mundial, pelo seu orador principal Liddell Hart, e continua até as operações da Segunda Guerra Mundial, com um enfoque na Alemanha Nazista e na União Soviética; levantar e discernir ao leitor provas contextuais sobre como a deturpação envolvida nos dois períodos citados se construiu e como fora desenvolvida a partir de suas leituras ímpares; demonstrar que as deturpações não condizem de forma real com a obra de Clausewitz ao associá-lo ao pai da mortandade, procuramos por apresentar trechos e passagens como contra argumentos de tais alegações.

Observamos, no corpo do texto, que Clausewitz e sua obra nunca efetivamente conteve ideias de brutalidade e derramamento de sangue de absoluta necessidade, o cerne da questão da defesa como forma superior ao ataque, sua forma clássica e por fim a sua dicotomia de guerra real e guerra oficial. Assim como o conjunto de obras e deturpações reunidos de Liddell Hart na qual apresenta o autor como um deus da morte que apenas procura a eliminação do inimigo, na qual não é condizente com a realidade da obra.

É nesse sentido, que a deturpação flui das obras de Liddell Hart e possuem ressonância na Segunda Guerra Mundial, na Alemanha nazista, com foco principal na apropriações de Hitler, que acaba por absorver um conceito único e deturpante da fórmula clássica clausewitziana, o qual realiza uma guerra de uma violência e perseguição sem precedentes, soterra os aspectos políticos e se concentra apenas nos aspectos militares, o que acaba por determinar a sua derrota política e militar na Segunda Guerra Mundial. Hitler apresenta resquícios da interpretação de Liddell Hart, o que reafirma ser uma linha tênue de interpretação desde a Primeira Guerra Mundial. Não obstante na União Soviética, possuímos duas linhas interpretativas, o viés leninista, que absorve de forma brilhante o *Da Guerra* e o interpreta dentro de seu universo de luta de classes e políticas domésticas, atribui a Clausewitz mais um teórico construtor de seus pensamentos comunistas. Porém o viés ao qual é interessante para o tema tratado, o viés stalinista, na qual deturpa totalmente os ensinamentos de Clausewitz, apresentando, assim como Liddell Hart, muitas congruências argumentativas sobre a demasiada filosofia de *Da Guerra* e o seu caráter explosivo devido a falta da teorização sobre a “contraofensiva” e a sua obsolescência frente ao avanço tecnológico. Stalin, assim como Liddell Hart, aparenta que efetivamente não leu o general prussiano apenas o imaginaram com a fisionomia do inimigo em momentos de combate.

O que os citados deturpadores penam a interpretar é que Clausewitz não teve tempo de revisar toda a sua obra, devido a sua morte. O primeiro capítulo do Livro Um demonstra uma evolução intelectual superior a todo o livro, a Alemanha nazista e a União Soviética absorvem uma interpretação que nunca poderia ter sido tirada de *Da Guerra* visto que se trata exatamente da oposição ou até mesmo a falta das teorizações contidas em seus escritos. Podendo apenas ter uma explicação lógica ou hipótese ainda a ser demonstrada futuramente, os pensadores da Segunda Guerra Mundial, nos dois pólos, se assemelham à linha argumentativa de Basil Liddell Hart por vias indiretas, muito provavelmente reforçadas por toda a imagem negativa de Clausewitz legada após a Grande Guerra. Parafrazeando Aron, o general prussiano foi colocado no banco dos réus como o artífice intelectual daquele sangüinário e lamentável conflito.

Acredito que um aspecto que poderia ter sido aprofundando, mas que não coube ao tema, seria a dicotomia interpretativa da União Soviética, entre Lenin e Stalin, procurar por explicar motivos de como os líderes obtiveram absorções de *Da Guerra* tão diferentes. É cabível ressaltar de que os contextos referentes a tais interpretações eram os mesmos. Uma linha de análise a se seguir, seria o de descobrir de que forma o advento de Stalin após a morte de Lenin impactou no sentido de ocultar o próprio prestígio manifestado por Lenin por Clausewitz em várias textos ao longo de sua obra. Por fim, acredito que Clausewitz e toda a sua obra seja de um profundo ganho teórico, porém a grande massa de seus leitores marcados na história provam que trata-se de um autor extremamente citado, mas muito pouco efetivamente estudado.

#### 4. AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos, meu orientador, que sempre teve paciência de me passar um pouco de seu conhecimento a mim, com toda admiração que me cabe e o respeito de considerá-lo um esplêndido professor e amigo;

Agradeço também aos colegas Anna Carolina Monéia e Matheus Cecílio, por fomentar discussões e evoluções significativas na pesquisa do pensamento clausewitziano.

## REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações**, Brasília: Universidade de Brasília, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Pensar a Guerra Clausewitz, a era europeia**, Brasília: Universidade de Brasília, 1986a.
- \_\_\_\_\_. **Pensar a Guerra Clausewitz, a era planetária**, Brasília: Universidade de Brasília, 1986b.
- ALTERMAN, E. **The Uses and Abuses of Clausewitz**, In: *Parameters*, v. 17, n. 2, p. 18-32, 1987.
- BALDWIN, Peter M. **Clausewitz in Nazi Germany**. In: *Journal of Contemporary History*, p. 5-26, 1981.
- BASSFORD, Christopher. **Clausewitz in English: the reception of Clausewitz in Britain and America, 1815-1945**. Oxford University Press, 1994.
- BERCOVICI, Gilberto. **Constituição e estado de exceção permanente: atualidade de Weimar**. São Paulo: Azougue, 2004.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, s.d.
- \_\_\_\_\_. **On War**, Princeton: Princeton University, 1984.
- CORMIER, Youri. **Hegel and Clausewitz: Convergence on Method, Divergence on Ethics**. *The International History Review*, v. 36, n. 3, p. 419-442, 2014.
- \_\_\_\_\_. **War as Paradox: Clausewitz and Hegel on Fighting Doctrines and Ethics**. McGill-Queen's Press-MQUP, 2016.
- FÖRSTER, Jürgen. Ludendorff and Hitler in Perspective: The Battle for the German Soldier's Mind, 1917–1944. **War In History**, Glasgow, v. 3, n. 10, p.321-334, jul. 2003.
- GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo**. Leya, 2014.
- HONIG, Jan Willem. **Clausewitz's On War: Problems of Text and Translation** In: STRACHAN, Hew; HERBERG-ROTHE, Andreas (Ed.) **Clausewitz in the twenty-first century**, Oxford: Oxford University, 2007, p. 57-74.
- HOWARD, Michael. **A Influência de Clausewitz** in: Clausewitz, Carl von: **Da Guerra**, Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, s.d.: p. 27-46.
- \_\_\_\_\_. **Clausewitz**. Oxford: Oxford University, 1983.
- JOHNSON, Ian Ona. **The Secret School of War: The Soviet-German Tank Academy at Kama**, Columbus, originalmente apresentada como tese para obtenção do título de Master of Arts à State University of Ohio, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. **O pensamento de Lenine**. Lisboa: Moraes, 1975
- LENIN, V. **A situação internacional da República Soviética da Rússia e as tarefas fundamentais da revolução socialista**. In: *Obras escolhidas em três tomos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982a, vol.1.
- \_\_\_\_\_. **Conservarão os bolcheviques o poder de Estado?** In: *Obras escolhidas em três tomos*, São Paulo, Alfa-Omega, 1982b, vol. 1
- \_\_\_\_\_. **1905 - Jornadas revolucionárias**. Contagem: História, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Obras póstumas del general Carl Von Clausewitz acerca de la conduccion de la guerra. Clausewitz en el pensamiento marxista**. Cuadernos del pasado y presente, 1979, p. 69-98.
- LEMOS, Thiago Tremonte. **Contra Clausewitz**, São Paulo, originalmente apresentado no anais do XXVI Simpósio Nacional de História, 2011
- LIDDEL HART, B. H . **A History of the Second World War**. Pan Macmillan, 2015.
- \_\_\_\_\_. **As grandes guerras da história**. Ibrasa, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Strategy**, New York: Meridian, 1997.

- \_\_\_\_\_ **The Rommel Papers**. Collins, 1953.
- LIDER, Julian. War and Politics: Clausewitz Today. **Cooperation And Conflict**. Stockholm, p. 187-206. set. 1977.
- OLIVEIRA, Flávio Rocha. **Realismo e liberalismo no estudo das relações internacionais**. São Paulo: apresentada como Tese de Doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da FFLCH-USP, 1999. .
- PARET, Peter. **Clausewitz and the State – the man, his theories, and his times**, Princeton: Princeton University, 1985.
- PASSOS, R. **Clausewitz e a dialética guerra e paz**, Campinas, mimeo, s.d.
- \_\_\_\_\_ **Clausewitz e a política: uma leitura da obra Da Guerra**, Ijuí, Unijuí, 2014.
- \_\_\_\_\_ **Gramsci, Clausewitz, guerra e política**. Informe Econômico, p. 103-108, 2014.
- \_\_\_\_\_ **Uma leitura sobre Lenin, Clausewitz, a revolução e a guerra**. Outubro, p. 149-169, 2012.
- PAXTON, Robert O. **The German Opposition to Hitler: A Non-Germanist's View**. In: Central European History, v. 14, n. 04, p. 362-368, 1981.
- RYBACK, T. **A biblioteca esquecida de Hitler: os livros que moldaram a vida do Führer**, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- X. Policy and Strategy in the War in Russia: The Winter Interlude. **Foreign Affairs**, v. 20, n. 4, p.607-634, jul. 1942.
- SCHMITT, Carl. **O conceito do político. Teoria do Partisan**. Belo Horizonte: Del Rey, 2009.
- SILVA, Washington Luiz. Carl Schmitt e o conceito limite do político. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 49, n. 118, p. 449-455, 2008.
- STALIN, J. **Respuesta del Mariscal Stalin**, In: Cuadernos del Pasado y Presente, n. 75, 1979, p. 103-106.
- SUMIDA, J. **BookTV: Jon Sumida, “Decoding Clausewitz”**, 19 de dezembro de 2011. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=P2hCBmIzEaw>>. Acesso em 3 de Março de 2015.
- WEDEMEYER, Austin C.. **The Strategy of Barbarossa**. Alabama: Air War College, 1983. 15 p.